

Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº20/21 JULHO-OUTUBRO 1992 BIMESTRAL

MEMÓRIA

UM SONHO, UMA CASA

"Que a cidade se empenhe nesta obra e que a Casa da Memória se possa transformar na melhor memória das crianças quando adultos!" Assim terminava o editorial do nosso Boletim de Janeiro/Fevereiro de 1991.

Passaram-se os meses, manteve-se a esperança. A Casa abriu as portas, a todas as crianças, a todos quantos, de uma forma ou de outra, estejam ao seu lado, pais e educadores, cidadãos enfim.

Muito menos do que precisamos, mas afinal muito mais do que chegámos a supor, o nº 14 do Largo da Memória, é a nova Casa do IAC. São dois andares e um sótão para instalar o nosso espólio, os nossos

serviços, mas também os nossos projectos e os nossos sonhos.

Não é difícil dar com a nossa Casa. Fica atrás da Igreja da Memória, na freguesia da Ajuda, entre o Jardim do Ultramar e o Palácio da Ajuda. A partir de Belém, pode subir as calçadas do Galvão ou da Ajuda. No largo, passam as carreiras da Carris 27 e 29 e, da Rodoviária, as que fazem o percurso de Queluz e Amadora; próximo, passam ainda as carreiras de autocarros 14, 32 e 42 e o eléctrico 18 (Ajuda).

CONSULTE A PLANTA, NA PÁGINA 3.



A INOCÊNCIA DA GUERRA

ISABEL FRANCO E ANA PERDIGÃO

PRIMEIRO, os órgãos de comunicação social: imagens de violência que entram em nossas casas.

Era a guerra ao longe.

Depois um apelo. Directo. Específico. Um apelo dirigido ao IAC. No meio do desespero, alguém a lembrar que a palavra criança não tem fronteiras.

Confrontadas com este pedido, as ONG portuguesas (particularmente aquelas que pela sua natureza estão ligadas à infância) não poderiam ficar indiferentes.

A situação dramática recentemente criada na ex-Iugoslávia le-

vava a um estreitamento de contactos entre o IAC e a Cruz Vermelha Portuguesa, o Comité Português para a UNICEF e a Cáritas Portuguesa, a fim de coordenar em conjunto qualquer acção a favor dessas crianças.

Desde logo todos se prontificaram a responder a qualquer pedido de colaboração. Este não tardou.

Veio da *Forum Estudante*. Ao lado das demais organizações, o IAC aderiu ao projecto "Crescer em Esperança": receber 500 crianças e acompanhantes de Serajevo, evacuadas pela

Embaixada das Crianças (ONG de Serajevo) e acolhê-las durante um ano. Numa primeira fase, na Pousada da Juventude de Catalazete (Oeiras) e, posteriormente, em famílias de acolhimento ou em instituições.

Com representantes da *Forum Estudante*, Cruz Vermelha Portuguesa, Comité Português para a UNICEF, Instituto de Apoio à Criança, União das Misericórdias, Cáritas Portuguesa, Comunidades Islâmica e Judaica, criou-se uma comissão executiva para coordenar e concretizar este projecto.

O IAC, presente desde a primeira reunião, assumiu os seguintes compromissos:

1ª — Angariar brinquedos (estabelecer contactos com as empresas) e montar uma ludoteca no Forte de Catalazete, com o apoio da Faculdade de Motricidade Humana e a colaboração voluntária de finalistas da mesma faculdade;

2ª — Participar no estudo da colocação das crianças e das suas mães nas famílias e instituições, através de uma equipa criada para o efeito no seio da comissão executiva.

O avião partiu com toda a solidariedade que os portugueses quiseram dar.

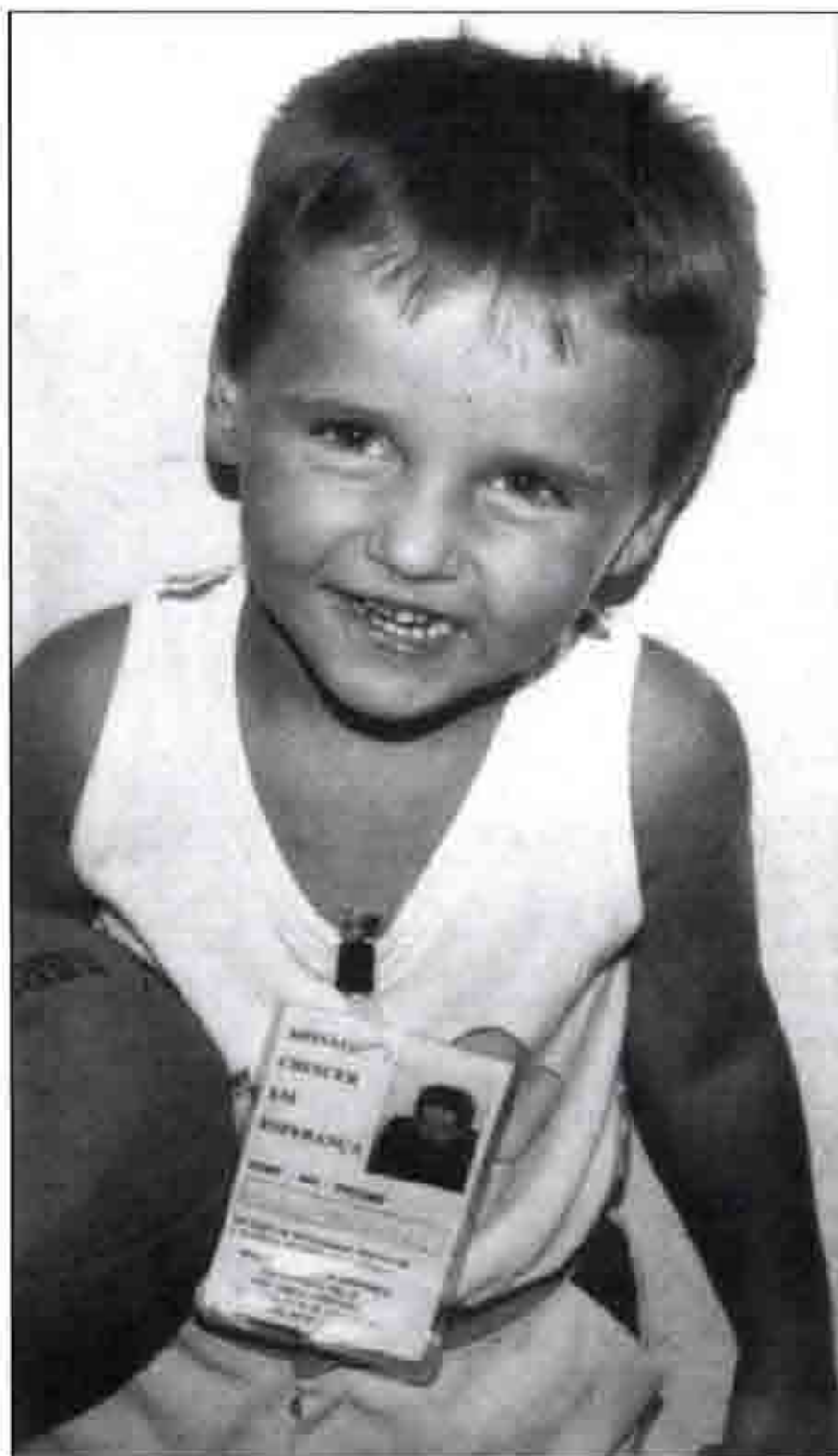
As crianças chegaram.

O apelo que vinha de longe tem agora um nome, uma expressão, uma história que ficou para trás.

Em causa estão vidas humanas, direitos esquecidos, dignidades perdidas.

A responsabilidade de cada um de nós é de todos.

É preciso que, com dignidade, saibamos abraçar e escolher estas crianças que de há muito tempo não sorriam. |



BOLETIM DO IAC
Nº 20/21
JULHO/AGOSTO
SETEMBRO/OUTUBRO
1992

director

Martilde Rosa Araújo

coordenação

Grupo Técnico do IAC

António Tarrada

Glória Castilho

Leonor Santos

edição

Instituto de Apoio à Criança

Largo da Memória, 14

1300 Lisboa

concepção gráfica

e produção

Jocaris Imaginário

pré-impressão

Roseta, Lda

impressão

Minerva do Comércio

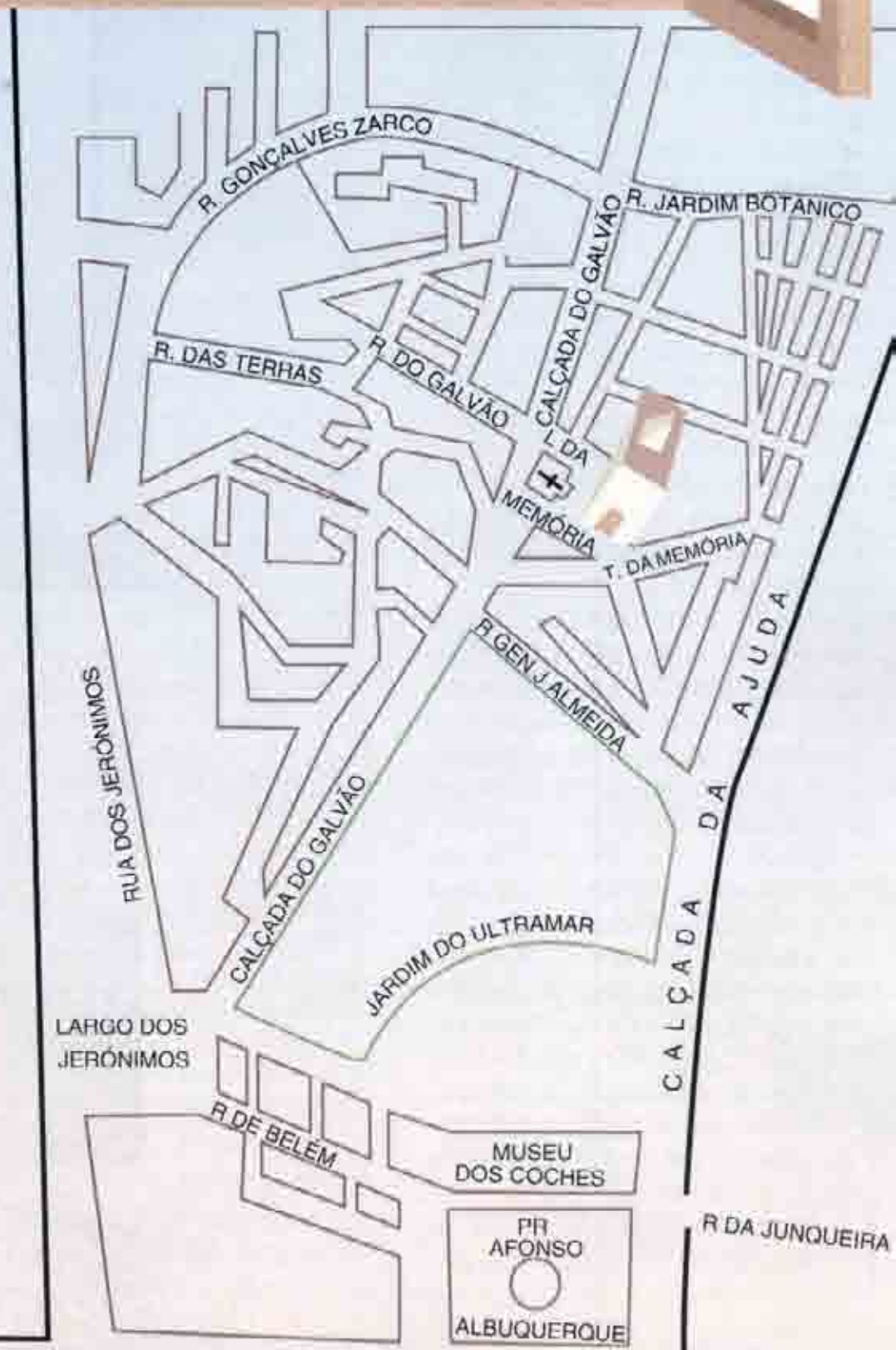
Depósito Legal

Nº44475/91

Itagem

3000 ex.

LARGO DA MEMÓRIA



Instituto de Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1300 Lisboa
Telefs. 362 17 93/362 47 56
Fax 362 47 56

DOCA DE BELÉM

ESTAÇÃO FLUVIAL

CINCO ANOS PARA ALGUNS SUCESSOS



Projecto de Intervenção no Bairro de Santa Maria da Urmeira tem as suas raízes em Fevereiro de 1985,

quando um grupo, constituído pelos representantes de várias instituições ligadas ao trabalho em bairros degradados começou a reunir-se.

Num protocolo assinado em 1986 com a Direcção-Geral do Ensino Básico, o IAC propôs-se realizar uma experiência piloto de intervenção, com o objectivo de minimizar os obstáculos ao sucesso escolar. Esta experiência foi iniciada por uma equipa de voluntários, constituída por estagiários de Política Social. O insucesso escolar foi entendido como um sintoma de problemas de desorganização da comunidade e de anarquia institucional.

A intervenção desenvolveu-se durante dois anos, em duas vertentes: o trabalho institucional, através de reuniões; o trabalho com a população, na forma de animações para a infância no bairro e conhecimento da escola primária.

Surgiu então a ideia de criar um Centro Lúdico para a infância do bairro que se tornasse um espaço de encontro e congregação de esforços de todos — população e instituições — em torno da criança.

A partir de 1987, a equipa contou com a colaboração de um aluno do ISEF que dinamizou actividades desportivas e recreativas com jovens no bairro.

Neste mesmo ano, a equipa de Política Social desagregou-se, vindo a ser substituída por uma equipa de psicólogos em regime de voluntariado. Esta equipa esteve na escola e no bairro durante dois anos.

Tornou-se então clara a necessidade de uma intervenção sistematizada como único meio de população e técnicos das diferentes

instituições do bairro confiar na existência de um trabalho continuado, sendo assim possível dar resposta aos objectivos desta intervenção do IAC.

Foi elaborado um projecto com a duração de cinco anos, que viria a ser aprovado.

OS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

Desde o ano lectivo de 1989/90, a equipa, constituída por dois psicólogos, clínicos, uma técnica de Política Social e um técnico

de Educação Física, do ramo da educação especial e reabilitação, tem vindo a desenvolver a sua acção, tendo como objectivo prioritário a promoção do sucesso escolar.

Para tal, houve que estimular o interesse da criança pela aprendizagem escolar, promover a implicação dos pais nessa mesma

Toda a criança chega à escola com uma "leitura do mundo" já feita, que importa conhecer e a partir da qual é possível ensinar as letras e os números. Para isso, é preciso estar lá. E assim se fez, num bairro dito degradado, onde da luz ao fundo do túnel se fez uma claridade resplandecente. Na Urmeira, aqui às portas de Lisboa.



actividade, fazer prevenção das dificuldades de aprendizagem e dar resposta às situações-problema já existentes.

A intervenção realizou-se sempre em colaboração com elementos da comunidade, médico de família, equipa de saúde escolar, educadoras de infância e professoras primárias.

NO BAIRRO...

Continuando o trabalho já iniciado, mantiveram-se as actividades recreativas e desportivas de juvenis, tendo as classes participado em festivais gimnodesportivos. Foi acentuado o apoio à União Desportiva e Recreativa de Santa Maria enquanto organização.

De Abril a Junho, desenvolveu-se o trabalho de animação com a infância, sendo realizadas no bairro actividades ligadas às expressões e



abertas a todas as crianças. Reanimada foi, entretanto, a ideia de construção de um espaço lúdico no bairro.

... E NO JARDIM DE INFÂNCIA

Com intervenções sobretudo no sentido de ultrapassar os problemas ligados ao desenvolvimento global da criança, a acção desenvolvida incidiu na área psicomotora, perceptivo-motora e socio-afectiva.

O trabalho foi feito com casos individuais e também com o grupo de crianças a transitar para a escola primária. A este grupo é feita, quando solicitado, uma avaliação pré-escolar, para saber da preparação destas crianças para a entrada na escolaridade primária.

NA ESCOLA PRIMÁRIA

A partir do levantamento já anteriormente realizado sobre as dificuldades da população do 1º ano da 1ª fase, foi construído e aplicado um Plano Escolar, com vista ao treino e aquisição de aprendiza-

gens indispensáveis ao início da escolaridade primária.

O trabalho com uma professora de apoio permitiu realizar avaliações e acompanhamentos sociológicos quando solicitados, quer pela equipa de saúde escolar quer pelas professoras.

Paralelamente, iniciou-se a animação da Biblioteca, na qual são utilizadas as expressões — dramática, musical e plástica —, tendo como ponto de partida e de chegada o livro. Procurou-se desinibir as crianças e desenvolver o prazer pelo ler, escrever e contar, partindo do princípio de que toda a criança chega à escola com uma “leitura do mundo” já feita, que importa conhecer e a partir da qual é possível ensinar as letras e os números.

No 2º ano de trabalho escolar, decidiu-se ampliar e reorganizar a biblioteca, destacando uma professora para o efeito. Foi assim possível a presença regular de todas as crianças na Biblioteca.

Pretendeu-se igualmente contribuir para a abertura da Biblioteca à

população e envolver progressivamente os pais. Foi assim que nasceu a ideia de recolher histórias ligadas à cultura do bairro e de fazer... livros! No fim do ano fizemos a “nossa exposição”.

No fim de três anos de trabalho, o saldo é muito positivo. De facto, nunca este trabalho teria sido possível e gratificante sem a confiança e colaboração de todos os técnicos, o que neste momento se traduz em termos concretos numa redução significativa dos valores reais de insucesso escolar na passagem da 1ª para a 2ª fase.

Actualmente nos dois últimos anos do projecto, este último momento tem como objectivo promover a autonomia da comunidade, utilizando os recursos a que tem acesso, de forma a que o impulso introduzido na vida do bairro para todo este trabalho de conjunto continue o seu percurso. ▮

ANTÓNIO CÁDIO PARAISO
ISABEL VALENTE DA CRUZ
MÁRIO CARDOSO
TERESA FIALHO

A LUDUS QUE LÍLIA CRIOU

ANTÓNIO TORRADO

Afiar-me no dicionário mais à mão, escritor é aquele que escreve, que redige, que narra por escrito. Mas, para meu embaraço, linhas depois, o dicionário explica-me que *escrivão* é, igualmente, aquele que escreve. Entre o amanuense e o homem de Letras não haverá, para a resumida interpretação deste dicionário, diferença de qualquer valia?

Ou terá o dicionário razão, ao tomar apenas em conta aquele escritor que, debruçado à secretária, infatigavelmente escreve, escreve, como o besouro besoura, a aranha tece, o caruncho pertinaz rilha e parafusa? Casa Tróia, arda Pompeia, sucedam-se pestes, catástrofes, ignomínias, que, de *head-phones* nos ouvidos, sintonizados para a Antena 2, o tabelião-escritor nem por mais uma larga a pena ou a máquina da escrita, dando de si bom exemplo para a certidão dos dicionários. Santificado seja!

Lília da Fonseca não se ofereceria para a ilustração exemplificativa desta classe de escriturantes. Bem sei que ela escreveu e muito obras de diverso tomo, em múltiplas áreas, do teatro ao romance, do livro técnico ao livro infantil. Mas não cultivou a surdez ou o autismo, numa época e num país em que talvez fosse mais cómodo fazer de conta que se andava distraído.

Embora não conheça em pormenor os seus dados biográficos, sei que Lília da Fonseca participou, na juventude, no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, presidido por Maria Lamas, e foi candidata da Oposição Democrática, em 1957, nas "eleições" para a Assembleia Nacional do velho regime. Títulos nobilitantes ambos e não os únicos.

A escritora pertenceu a uma geração de risco e de generosidade que rompeu para as Letras e para a vida cívica, entre o rescaldo da Guerra de Espanha e o destecho da Segunda Guerra Mundial. O engajamento era irresistível e a forma única de agir, em consonância com a respiração do tempo. O contrário é que seria de estranhar.

Que manteve pelas décadas adiante a energia e a prodigalidade idealista, propulsionada da juventude, posso testemunhá-lo eu, que a conheci pelos meados dos anos 60, nos meus vinte e poucos anos e por ocasião de uma iniciativa, a Ludus, que adiante passarei a evocar.

A Colecção Carrocel, que a escritora dirigiu e que foi, durante essa época cinzenta, o quase único espaço de publicação de livros para crianças, ou o Teatro de Branca Flor, pioneiro do teatro de fantoches e desencadeador de vocações de muitos futuros manipuladores e cenógrafos, ou as críticas de literatura infantil, que publicava regularmente em jornais e revistas, como a *Seara Nova*, patenteavam, à data (anos 50 e 60), Lília da Fonseca como uma das primeiras especialistas nas áreas da expressão, da comunicação e do recreio, destinadas aos mais jovens.

Depois, a especialização técnica, a renovação teórica e a mutação das mentalidades daí decorrentes, com o surgimento de outros intérpretes culturais e de novas exigências, esbateram um tanto o voluntarismo e a liberdade participativa deste período, em que os poucos que havia eram chamados para tudo, como bombeiros ao fogo. Fosse para falar no colóquio da associação de recreio ou para redigir o manifesto educativo da comissão eleitoral ou para fazer a entrevista à personalidade estrangeira de passagem, os fatais sempre os mesmos, à falta de outros, tinham de multiplicar-se em iniciativas que, sendo de animação cultural, não o eram menos, ainda que sob outros pretextos, de prodígia intervenção cívica. De indignação cívica, melhor diria.

No pequeno grupo de voluntários (efectivamente, bem pequeno e precário, reconhecêmo-lo agora!), Lília da Fonseca nunca se furtou à prestação que, proveniente de várias chamadas, lhe era pedida. Note quem disto não sabe que se não fala aqui de militância política, enquadrada e táctica, mas de militância moral, onde todas as oportunidades eram poucas para a denúncia de um regime de

liberdades abafadas, de cidadania ofendida.

De entre as iniciativas de maior rasgo que se lhe devem, destaco a cooperativa Ludus, Círculo de Realizações para a Infância e a Juventude, porque por um pouco da sua história também posso responder.

Optou-se pela designação de cooperativa, dada a circunstância de ser esta a única modalidade associativa que não estava dependente do apertado controlo estatal. Outras organizações culturais se formam então, seguindo as mesmas medidas de elementar prudência. Andava-se com pés de lã.

Em 27 de Junho de 1967, foi lavrada escritura da cooperativa Ludus, no 11.º Cartório Notarial de Lisboa. A Comissão Organizadora, formada à roda de Lília da Fonseca, era composta por mais doze membros: o Prof. Calvet de Magalhães (director dessa pioneira da modernidade educativa que foi a Escola Francisco Arruda, quem se lembra?) e o militante cooperativista José de Almeida — que com a escritora constituíam a "troika" coordenadora da Colecção Carrocel —, os jornalistas Manuela de Azevedo e Mateus Boaventura, o advogado José Vasconcelos Abreu, o professor Melo de Carvalho, o crítico Correia da Fonseca, o editor Rogério de Moura e as escritoras Matilde Rosa Araújo, Arminda Gonçalves e Hortense de Almeida. Juntaram-me a mim ao grupo, onde desempenhava o papel aprazível do mais jovem, em vias ou em estágio para escritor, título que ainda estava longe de merecer.

Propunham estas excelentes criaturas, entre outros objectivos desafiados pelas alíneas do estatuto da constituição, criar um organismo de divulgação e acção educativa, subordinado aos princípios da pedagogia moderna. Para esse fim, pretendiam congregar pais, professores, pedagogos, escritores e artistas, e com eles organizar ciclos de conferências, grupos de trabalho, cursos de actualização, congressos, inquéritos, inventários artísticos e acções de informação e





Logotipo desenhado por Calvet de Magalhães

esclarecimento, junto da grande imprensa e dos restantes meios de comunicação social. Hoje, seria um projecto ambicioso. Naquele tempo era uma exaltante quimera.

Dentro do que lhe foi possível e com a colaboração, entre outras instituições, da Fundação Gulbenkian, da Sociedade de Língua Portuguesa, da Casa da Imprensa e do Museu-Escola João de Deus, a Ludus desdobrou-se em iniciativas e juntou as boas-vontades. E algumas más-vontades, também.

O projecto de filiação do IBBY (Organização Internacional do Livro para a Juventude, com sede em Zurique), constituindo-se em Secção Nacional, era uma das intenções prioritárias da Lília. Concretizou-se. Também se constituiu o núcleo de uma futura Bibliote-

ca Infantil e uma secção de teatro, iniciada por Glicínia Quartim, Artur Ramos, Rogério Paulo e a própria Lília da Fonseca, que esteve na origem do Teatro Jovem Espectador, responsável por uma inesquecível série de espectáculos, no Teatro Villaret, com a peça, *Emílio e os Detectives*, a partir do romance de Erich Kastner.

Constituíram-se outras secções, entre as quais a de Pedagogia, que teve como primeira actividade a comemoração do X Aniversário dos Direitos da Criança. A adesão por todo

o país permitiu a criação de delegações — no Funchal, sob a direcção da jornalista Maria Mendonça e da escritora Maria do Carmo Rodrigues, em Évora (Sílvia Soares e Beatriz Serpa Branco), no Porto (Jorge Constante Pereira, Isabel Alves Costa, Ilse Losa), etc. O magnetismo da cooperativa, dado o ambiente que então se vivia, e as relações de amizade de Lília da Fonseca, provenientes de anteriores projectos de solidariedade, trouxeram para a Ludus múltiplas adesões. Para a elaboração de um "Quem é quem", na pedagogia e nas disciplinas

de animação artística, durante os anos 60 portugueses, ter-se-ia de contar, como imprescindível, com a listagem dos sócios da Ludus.

Foi, porém, através das comemorações anuais do Dia Internacional do Livro Infantil, a 2 de Abril, data de nascimento de Hans Christian Andersen, que a Ludus ganhou notoriedade pública. Em Lisboa, no Porto, no Funchal e noutras cidades do país, exposições e montras de livrarias chamavam a atenção para os livros para crianças, publicados em Portugal. Horas do conto, visitas guiadas, sessões em escolas e colóquios em colectividades criavam um clima de euforia, em torno do livro infantil de autores portugueses, o que terá tido repercussões editoriais benéficas, ao longo da década de 70.

Os colóquios realizados pela Ludus, em 1968, subordinados ao tema da leitura infantil, foram posteriormente publicados em livro, por sinal uma das primeiras obras da nossa magna bibliografia de Teoria da Literatura para Crianças (*A Criança e o Livro*, ensaios de Vítor Fontes, Maria Leonor Botelho e Mário Sacramento, seguidos de uma mesa redonda, coordenada por Rui Grácio, também presidente da Assembleia Geral da Ludus, e com as presenças de Lília da Fonseca, Mafilde Rosa Araújo, Correia da Fonseca, Calvet de Magalhães, Mário Castrim e António Torrado, edição de Livros Horizonte, Biblioteca do Educador Familiar, 1972).

A estas iniciativas, saldo possível (talvez na ordem dos 10 por cento...)

dos incomensuráveis projectos a que a Ludus se propunha, deu Lília da Fonseca, como presidente da cooperativa, todo o entusiasmo.

Depois, os sempre fatais mal-entendidos das casas onde há pouco pão e a consequente intervenção "mecénica" nos destinos da Ludus, a que Lília não aderiu (e lá teria as suas boas razões!), ditaram alterações nos corpos gerentes da cooperativa. A escritora afastou-se da direcção da Ludus, de que tinha sido primeira impulsionadora, mas a cooperativa também pouco mais tempo durou.

Em 1972, um decreto-lei que cancelou o movimento das cooperativas culturais atingiu a Ludus, a meio voo. Lembro-me de ter ajudado a fechar a sede — um pequeno rés-do-chão em Benfca — e a carregar a existência, enquanto, no passeio fronteiro, uns senhores mal-encarados e de óculos escuros a tudo assistiam, com provocadora indiferença. Ao menos que tivessem dado uma mãozinha ao transporte das estantes...

Deixo aqui um pouco da crónica dessa época de sonhos machucados, em homenagem à memória de uma escritora fecunda e versátil, que não esgotou na escrita as suas faculdades de transfiguração da realidade.

O logotipo da Ludus, desenhado por Calvet de Magalhães, era uma árvore. Embora decepada pela inclemência dos poderes de então, a Ludus — que eu continuo a considerar uma das melhores obras de Lília da Fonseca — deu frutos, deixou sementes. Na rotação dos tempos, isso também conta. Muito. ■



Lília da Fonseca, na Exposição do Livro Infantil, Fundação Gulbenkian, em Abril de 1974

CONTINUAR EM FRENTE COM VONTADE E ENGENHO



A situação actual das ludotecas em Portugal foi o tema de arranque do V Encontro Nacional de Ludotecas, que se realizou nos dias 25, 26 e 27 de Junho passado. Comunicação já apresentada no encontro "Jogo e Desenvolvimento da Criança — Perspectivas de Investigação", com o objectivo de elaborar um perfil descritivo da situação actual das ludotecas em Portugal. O levantamento a que este estudo deu lugar permitiu tirar algumas conclusões, que irão contribuir para a resolução, num futuro próximo, de algumas lacunas, em termos organizativos, materiais e humanos.

O desenvolvimento dos trabalhos viria a permitir a abordagem de diversos assuntos, num dos quais, sobre a importância pedagógica da actividade lúdica — que incluiu considerações genéricas acerca do jogo, características, conceitos, definições —, foram enumeradas teorias e aspectos psicológicos da actividade lúdica.

DA DEFICIÊNCIA À IMPORTÂNCIA DA NATAÇÃO

Mostrados através da selecção de alguns momentos lúdicos ocorridos no Centro de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian do Porto, os espaços de brincar para crianças deficientes foram também matéria deste encontro. Questões variadas foram colocadas e com respostas apropriadas. Assim, foi explicada a razão da existência de uma ludoteca no Centro de Paralisia Cerebral, as suas intenções e percurso, e apresentada uma reflexão sobre as suas principais funções, as atitudes dos educadores, a selecção do material e pistas para as ludotecas que recebam deficientes.

A discussão de um tema que é ainda campo vasto para as ideias, como para os actos, está viva — pôde verificar-se, no Porto, há três meses. Às exposições sobre matérias específicas apresentadas por especialistas juntou-se, sem dúvida, uma parcela importante de esperança nos dias do futuro.

A natação dos bebés aparece, por sua vez, como uma necessidade de proporcionar uma adaptação ao meio aquático que, por um lado, facilite, tão rápido quanto possível, o "saber nadar" e, por outro, dê lugar a uma estimulação sensoriomotora como pressuposto do desenvolvimento corporal.

A partir destes conceitos, a intervenção "Natação de bebés — Um jogo e um projecto educativo" prosseguiria estabelecendo um paralelo com a actividade lúdica, uma das fontes que melhor proporciona que se atinjam tases desenvolvidas de actividade motora autónoma no meio aquático, actividade desencadeada a partir do envolvimento intrínseco da criança na própria actividade lúdica, ou "jogo aquático".

As mudanças mais significativas durante o primeiro ano de vida são o desenvolvimento da coordenação sensitivo-motora e a formação do seu apego social, foi salientado da intervenção "Crescimento e desenvolvimento", para adiantar que é por volta dos dois, três anos de idade que deve começar a preocupação com o brincar e o jogar da criança, numa tentativa de lhe saciar a fome lúdica. A criança, depois, é que começa a utilizar o objecto-brinquedo.

ANIMAÇÃO E COMUNIDADE

Ludoteca tem tudo a ver com animação e com comunidade. A ludoteca insere-se numa rede local

e só pode cumprir os seus objectivos/projectos através da animação que lhe for imprimida. Para mais, a simples designação "Ludoteca" carrega consigo uma espécie de compromisso social de introduzir inovação no terreno dos lares dos chamados "menores" que estão a ter processos de socialização "nunca antes navegados"...

Da intervenção "Animação: ludoteca e comunidade", estes pontos de partida, a que se seguiram conceitos e seus desenvolvimentos. A ludoteca, dir-se-ia em conclusão, não devia ser uma resposta de utilização automática, antes tem de estar ligada à rede formal, para dinamizar o tecido comunitário e doméstico. Se a ludoteca não tomar a comunidade como um dos seus grandes centros de recursos educativos, seguramente que vai ser mais uma agência de estereótipos.

Crianças, expressão, artes, educação, programas, escola, que relações? Que pressupostos, práticas, investimentos, rotinas, sedimentações? Que inquietações?

Para todas estas interrogações houve uma busca de respostas. A problemática das actividades criadoras na escola é constante, começava por se salientar, para se acrescentar que para que aconteça expressão e independência de pensamento, para que a criatividade se desenvolva, é fundamental estabelecer-se uma atmosfera propiciadora que muito dependerá dos professores e que é

bem diferente daquela normalmente criada na escola.

CONCLUSÕES

Uma outra fase deste V Encontro Nacional de Ludotecas foi a apresentação de conclusões, repartidas em três áreas: "Espaço da ludoteca e materiais",

"Animação: ludoteca e comunidade" e "Novos programas / A importância das expressões".

No primeiro debate, na Sala 1, Carlos Neto e Leonor Santos introduziram o tema "Tempo e espaço para brincar — O dilema das crianças dos nossos dias", onde começa por se referir à transformação da sociedade nos seus aspectos sociais, económicos, políticos e culturais, que determina uma mudança quanto à organização do tempo de lazer da criança, do adulto e do idoso.

Ainda no âmbito deste debate, registem-se as seguintes conclusões, extraídas dos trabalhos de Leonor Santos e Rosa Maria Manjerão, além de Carlos Neto:

1. Considera-se altamente relevante o desenvolvimento que o movimento ludotecário tem alcançado em Portugal nos últimos anos.

2. Necessidade de definir a base conceptual, a finalidade, a estrutura, os objectivos e o funcionamento das ludotecas.

3. Importância em esclarecer a relação entre espaços interiores e exteriores no âmbito do conceito da actividade lúdica.

4. Definir os modelos em papéis do adulto (ludotecários) na

animação da ludoteca.

5. Estruturar estratégias quanto à elaboração de currículos na formação inicial de professores e de formadores na área do jogo.

6. Sistematizar os diversos tipos e modelos de ludotecas existentes, considerando a natureza dos projectos e as devidas precauções de adaptação às características sociais e culturais das regiões.

7. Desenvolver o estudo do comportamento no espaço da ludoteca e no exterior, criando as consistências necessárias de conhecimentos metodológicos, de intervenção e efeito dos espaços e equipamentos no desenvolvimento da criança.

8. Foram apresentadas diversas preocupações sobre o conceito de



Sessão de abertura. Na mesa (da direita para a esquerda): Natália Pais, Ernestina Miranda, Manuela Echea e Virgílio Moreira.

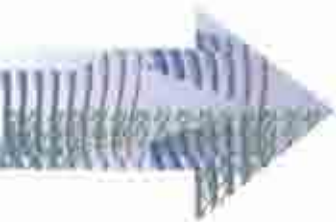
tempo livre e de jogo, considerando as características das sociedades modernas, devendo ser salvaguardada a noção que de forma

alguma a ludoteca sirva como mais uma oportunidade de institucionalizar o tempo e o espaço para brincar.

"Animação: ludoteca e comunidade" foi um outro tema para debate, este na sala 2.

A década de 90 deve ser a década dos tempos livres, do tempo em que são exigidos espaços de lazer, qualidade de vida a nível da C.F., capacidade crítica para saber resistir aos aliciantes e às soluções maquiavélicas da sociedade de consumo, e para isso é preciso que sejam defendidos e intercruzados valores humanos e dimensões socializantes, é preciso continuar a ter vontade de brincar — começaria por afirmar Natália Pais, que não





deixaria de salientar que as ludotecas são espaços necessários e cuja multiplicação é desejável e oportuna.

Devem diversificar-se os modelos em função das características de cada grupo, diria ainda, para de seguida referir que os espaços lúdicos podem ser criados em função de objectivos específicos, diferenciando-se em modelos de intervenção educativa, social, pedagógica, terapêutica e didáctica.

Imperioso é ainda, diria Natália Pais, atender às questões de formação especializada de ludotecários, animadores de espaços lúdicos. Realçada ainda a necessidade de um suporte jurídico e institucional, que dê garantias à comunidade das iniciativas que se propõe, bem como a intervenção na educação, na socialização e na formação cultural através das ludotecas e espaços lúdicos. Finalmente, salientaria, é preciso dar voz à Federação que acaba de nascer [ver caixa nestas páginas].

A síntese sobre “A importância das expressões nos novos programas” abordou temas a partir das expressões: dramática, musical, plástica e ainda na área da literatura e psicologia.

Assim, o conjunto de conclusões a que este grupo chegou subordinam-se à necessidade de readequar e reformular os modelos de formação de professores:

1) A formação de professores, particularmente na área das expressões, não pode reduzir-se apenas à transmissão de técnicas para serem reproduzidas no contexto escolar.

2) Recomenda-se por isso um padrão de formação que passe pelo desenvolvimento do imaginário dos professores. Os actuais programas apontam para um perfil do professor capaz de entender que o espaço escolar é um espaço invadido pelos saberes que as crianças transportam do quotidiano. E que o

FNL — UMA SIGLA VOTADA E ACLAMADA

Assinada e proposta por Carlos Neto, Virgílio Moreira e Leonor Santos, foi aprovada por unanimidade e aclamação, no dia 26 de Junho de 1992, a seguinte moção:

“Considerando:

1. Que o movimento ludotecário tem sensível expressão nacional e internacional;
2. Que o associativismo e a experimentação estão na base do desenvolvimento ludotecário;
3. Que o associativismo poderá ter efeito potenciador das propostas e sugestões do citado movimento ludotecário;
4. Que o ensino não formal (no qual se inclui o movimento ludotecário) tem uma importância crescente nas práticas lúdico-pedagógicas.

O V Encontro Nacional de Ludotecas realizado no Porto nos dias 25, 26 e 27 de Junho de 1992 recomenda a todos os pedagogos (e às suas instituições) que:

- a) Se vão estruturando os escalões necessários com vista à instalação de uma Federação Nacional de Ludotecas (FNL);
- b) Que os objectivos e âmbito de acção da referida Federação sejam formulados (e propostos a todas as ludotecas existentes no nosso país) através de um grupo de trabalho constituído, entre outros, por representantes do Instituto de Apoio à Criança e da Associação de Ludotecas do Porto.

seu objectivo é dar sentido a esses saberes. Os professores devem ser capazes de partir do conhecimento de cada criança com o objectivo de dar de cada uma delas a necessária auto-estima que permitirá desenvolver técnicas de materialização e sistematização do saber. Isto significa formar um pro-

fessor capaz de investigar com as crianças.

3) A formação de professores exige uma aprofundada reflexão, acerca das funcionalidade dos conhecimentos que transmite: ler, escrever e contar não devem constituir uma finalidade em si, mas meios imprescindíveis na nossa so-

ciiedade, para se entender a lógica do seu funcionamento.

4) A dimensão pedagógica das expressões atinge-se quando estas são usadas como meio de despersonalização do saber da criança. Quer dizer, como forma de estimular na infância o prazer e a utilidade da produção de ideias.■



A HUMANIZAÇÃO ESPERADA

*Quando vem alguém
não há hospital.
Há doces, há livros
notícias da tua.
Conforto de Amigos.*

SEBASTIÃO DA GAMA

PARA uma boa saúde mental do latente e da criança pequena é essencial que se estabeleça uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou o seu substituto) em que ambos encontrem satisfação e alegria. Desta afirmação pode concluir-se que será indesejável, em todas as circunstâncias, separar a criança da sua mãe. Esta “verdade fundamental” era lembrada aos médicos e outros profissionais de saúde por J. Bowlby, na monografia de sua autoria e publicada pela Organização Mundial de Saúde em 1951.

Em Portugal, só nos últimos 15 anos — como refere Maria de Lourdes Levy, na obra *Humanizar o Atendimento da Criança* (1991) — se tem revelado o real empenhamento em acompanhar os avanços existentes nos outros países, fazendo um esforço para que as crianças portuguesas usufruam, em matéria de humanização, o mesmo tratamento que as dos países mais avançados da Europa.

A Secção de Pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria, que editou aquele trabalho, não poderia, ainda de acordo com Maria Levy, ficar alheia a este problema, desde há muito no cerne das suas preocupações. Assim, em 1985, o tema “A pediatria social e o hospital” foi debatido numa reunião conjunta desta secção com o Hospital de Crianças Maria Pia. No conjunto das conclusões dessa reunião ressaltou a necessidade de aprofundar o conhecimento real da situação dos hospitais pediátricos e desenvolver medidas e acções de melhoria da situação.

Na sequência, a Secção de Pediatria Social elaborou um questionário, que enviou a todos os hospitais infantis ou com inter-

namento de crianças, com o fim de obter resposta a um conjunto de interrogações. Uma percentagem importante dos serviços de pediatria dos hospitais centrais e distritais do país respondeu ao questionário e o tema seria debatido na reunião “Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança”, da Secção de pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria, realizada em 27 de Maio de 1987, na qual se concluiu que, apesar de haver uma grande sensibilidade dos pediatras e dos outros técnicos de saúde para o problema, existiam ainda obstáculos e/ou dificuldades à realização de uma verdadeira humanização dos serviços de saúde que se centravam essencialmente nas áreas da exequibilidade, das disposições legais, da organização e dos recursos humanos.

As conclusões desta reunião apontaram para a criação de um grupo, que se denominou HUSAC—Humanização dos Serviços de Atendimento à Criança, cujas prioridades foram as seguintes: criação de condições de exequibilidade da legislação existente; adequação dos comportamentos e atitudes dos trabalhadores dos serviços de saúde em relação ao atendimento à criança e família; limitação dos internamentos hospitalares.

ENCONTRO EM COIMBRA

Numa realização da Secção de Pediatria da Sociedade Portuguesa de Pediatria, terá lugar, no dia 20 de Novembro, no Auditório da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, na Av. Bissaya Barreto, em Coimbra, o encontro “A Criança Internada em Instituição”, organizado pela Associação de Saúde Infantil de Coimbra.

“O Instituto de Apoio à Criança e a criança institucionalizada” é o tema da participação do IAC, que estará representado por Manuela Eanes, Maria José Lobo Fernandes, Natália Pais, Maria do Céu Curto e Adelina Odete.■

FRANCISCO NEREU O PEDAGOGO E O CIDADÃO

”MEDEM apenas 20 cm, voam a 50 quilómetros por hora e podem fazer 600 por dia em 12 horas de voo. Quando chegam, em Fevereiro, cansadas da longa viagem, o seu primeiro objectivo é reparar o ninho. No Tejo, encontrarão a água e no Alto de Algés descobrirão um aliado inesperado, que lhes oferece pedacinhos esfarrapados de algodão, que elas apanham no ar, em airosos voos e contravos, e que levam consigo, para onde se espalham”. O aliado era o professor primário Francisco Nereu, que um jornalista do “Público” foi encontrar há cerca de ano e meio em sua casa, a pôr em prática um “método inédito, natural e eficaz de descansar”...

Era assim o pedagogo, para quem, como disse tantas vezes, educar era uma missão que tinha por fim dar à criança a possibilidade de ser feliz.

Reconhecido e respeitado na área da educação, dentro e fora do país, Francisco Nereu viu o seu valor reconhecido pela UNESCO, adoptando um projecto seu, que lançou em Portugal na década de 70.

Com papel importante na Direcção-Geral do Ensino Básico, aí definiu a filosofia que devia presidir à organização dos tempos livres para os jovens estudantes e inspirou o projecto de destacar professores primários para trabalhar na dinamização dos pólos educativos nas escolas preparatórias. Foi ainda chefe de redacção da revista *O Professor*.

Aos 53 anos, enfermidade grave viria a pôr termo a uma vida dedicada à juventude e à educação. Foi no dia 12 de Setembro passado.

À sua memória, a nossa homenagem.■

N

O

T

Í

C

I

A

S

IAC PRESENTE

■ NA "SOLIDARDOCE", no Fórum Picoas, promovida, em 7 de Julho, pela FENACERCI e o Centro de Formação Profissional do Sector Alimentar, uma exposição/venda de peças de escultura em chocolate, cujos fundos reverterão para a FENACERCI e CERCI associadas. Manuela Eanes presidiu à inauguração.

■ NA RÁDIO VOZ DE LISBOA, da Renascença, em 3 de Julho, onde Manuela Eanes falou, com Arlete Pereira, sobre o IAC e as suas actividades.

■ NA RÁDIO VOZ DO NEIVA (Braga), no dia 10 de Julho, entrevista com Manuela Eanes.

■ NA RTP, no programa "Agota é que são elas", no dia 16, Manuela Eanes abordou o tema "A mulher e a criança".

IAC EM CHICAGO

ITLA REUNIDA EM OUTUBRO

A direcção da Associação Internacional de Ludotecas (ITLA-International Toy Library Association), de que o nosso país, através do IAC, faz parte desde 1991, esteve reunida em Chicago, de 4 a 6 de Outubro, com o objectivo de fazer um balanço das actividades de cada país, preparar o próximo congresso de ludotecas e definir princípios de orientação para o futuro.

O que em cada país se tem feito no âmbito da criação de ludotecas e da valorização da actividade lúdica foi divulgado por cada um dos representantes de associados presentes (por Portugal, Natália Pais) no primeiro dia de trabalhos.

Aspectos relacionados com a organização e representatividade de cada país no Congresso Internacional de Ludotecas, que se realizará na Austrália, em Fevereiro do próximo ano, foram igualmente questões debatidas. Por outro lado, foram definidos princípios de orientação a nível internacional, o papel das ludotecas na defesa dos direitos da criança, sobretudo do direito de brincar, em face das questões ligadas à problemática educacional (escolas, centros culturais), sociopolíticas (minorias étnicas, classes desfavorecidas, refugiados) e económicas (indústria e comercialização).

CONGRESSO EM DEZEMBRO

CRESCER EM SEGURANÇA

No próximo mês de Dezembro, nos dias 9, 10 e 11, a APSI- Associação para a Promoção da Segurança Infantil, organiza o Congresso Europeu sobre Prevenção de Acidentes e Promoção da Segurança em Crianças e Jovens — Crescer em Segurança.

Com a presença de especialistas nacionais e estrangeiros, o congresso realiza-se na Aula Magna da Universidade Clássica de Lisboa e as intervenções terão tradução simultânea.

Entre os objectivos enunciados e desdobrável distribuído, salienta-se: reunir um grupo alargado de profissionais e cidadãos para debater o problema dos acidentes nas idades infantis e na adolescência; sensibilizar os profissionais e os cidadãos para a necessidade de promover um ambiente seguro; debater algumas estratégias e programas para a prevenção dos acidentes e a promoção da segurança nas crianças e jovens.

As inscrições deverão ser feitas pelo preenchimento do respectivo boletim, que deverá ser devolvido ao Secretariado (Av. Rio de Janeiro, 24, 2º, dtº — 1700 Lisboa) até ao dia 31 de Outubro.

CENTRO DE ESTUDOS JOÃO DOS SANTOS

CASA DA PRAIA

No dia 9 de Julho passado foram eleitos os corpos gerentes do Centro de Estudos João dos Santos — Casa da Praia, tendo ficado como presidente e vice-presidente o Prof. Doutor Emílio Salgueiro e o Professor Sérgio Niza, respectivamente.

Como plano de acção para o primeiro mandato tem as seguintes linhas de estratégia: 1 — Investigar as relações de convergência entre as ciências pedagógicas e as ciências médico-psicológicas, na esteira do trabalho pioneiro na saúde mental infantil, introduzido e desenvolvido em Portugal por João dos Santos; 2 — Desenvolver acções de formação e de investigação, tanto na área da saúde mental infantil e juvenil como na área da educação terapêutica; 3 — Apoiar e promover estudos e projectos de intervenção para a integração educativa das crianças com dificuldades de aprendizagem ou desenvolvimento socio-afectivo.

O Centro de Estudos funciona na Travessa da Praia, 4 (1300 Lisboa (telefone 362 38 80)).

ENCONTRO NA GULBENKIAN

LITERATURA PARA CRIANÇAS

Organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, realiza-se, nos dias 4, 5 e 6 de Novembro, o XI Encontro sobre Literatura para Crianças, que terá como temas centrais: "A expressão dos novos mundos na literatura para crianças" e "Percurso africanos e brasileiros: temas e figuras autóctones; projecto de motivos europeus, nomeadamente português, o problema da língua".

As intervenções estarão a cargo de Maria Lúcia Lepecki, Inocência Mata, Ana Cristina Machado e Carolina Andrade.

UM PROJECTO DO IAC

CRIANÇAS SONHAM A EUROPA

De parceria com várias entidades, como o Centro Regional de Segurança Social da Amadora, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Direcção-Geral do Serviço Tutelar de Menores e várias escolas primárias de Lisboa e arredores, o IAC está a organizar o 2º Encontro Internacional do Projecto Europeu "As crianças Sonham a Europa", que decorrerá até ao dia 1 de Novembro.

A iniciativa enquadrada no âmbito do Projecto Trabalho com Crianças de Rua, tem um carácter eminentemente sociopedagógico e cobre 50 crianças, dos 6 aos 12 anos, de França, Itália, Bélgica, Inglaterra, Irlanda e Portugal.

